

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

TEORIA DO VALOR, DINHEIRO E CAPITAL EM KARL MARX
(TEXTO DIDÁTICO)

PROF. PAULO SÉRGIO SOUZA FERREIRA
MARÇO DE 2015

A MERCADORIA

A riqueza nas sociedades governadas pelo modo de produção capitalista se expressa por meio de uma imensa massa de mercadorias (em verdade, por meio dos bens produzidos, mas eles sempre se transformam em mercadorias no capitalismo). Daí, a exposição de Marx começa pela análise da mercadoria individual.

Qualquer mercadoria satisfaz a necessidades humanas diversas, sejam elas físicas (alimentos, bebidas, etc.) ou que provenham da fantasia. A natureza das necessidades humanas não altera em nada o caráter dela enquanto mercadoria (coisa). Ou seja, ela não deixa de ser mercadoria por satisfazer necessidades espirituais, por exemplo.

Cada mercadoria pode ser encarada sob um duplo aspecto, isto é, sob o ponto de vista da qualidade e da quantidade. A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso. Essa utilidade da mercadoria depende de suas próprias propriedades, ou seja, de suas próprias características. Ela pode ser ferro, trigo, diamante, etc. Essa sua especificidade não depende se ela custa muito ou pouco trabalho.

O valor de uso das mercadorias fornece o material de uma disciplina própria, a **merceologia** (em nota de rodapé, Marx assinala que na sociedade burguesa domina a crença denominada por ele de *factio júris*, em que se acredita que cada pessoa, como comprador, possui um conhecimento enciclopédico das mercadorias). O valor de uso constitui o conteúdo material da riqueza independentemente da forma social do processo de reprodução material da riqueza. Na produção capitalista, eles são ao mesmo tempo os portadores materiais do valor de troca.

O valor de troca aparece de início como algo casual e relativo, ou seja, a proporção na qual o valor de uso de uma mercadoria se troca contra os valores de uso de outras mercadorias. Daí tem-se as seguintes situações: (1) os valores de troca vigentes de uma única mercadoria (por exemplo, o trigo) expressam algo igual; e (2) o valor de troca é o modo de expressão, a forma de manifestação de um conteúdo (outra mercadoria) dele distinguível.

Na equação $1 \text{ quarter de trigo} = \alpha \text{ quintais de ferro}$, temos o seguinte: que independentemente de sua relação de troca, existe algo em comum e de mesma grandeza em 1 quarter de trigo e α quintais de ferro. Então, é necessário conhecer a substância comum, que permite comparar seus respectivos valores de troca. O valor de

uso não pode ser considerado para esse fim. É precisamente a sua abstração (do valor de uso) que caracteriza a relação de troca das mercadorias.

Para a determinação do valor de troca dos bens produzidos é necessário encontrar a substância comum existente nas diferentes espécies de mercadorias. Abstraindo o valor de uso, resta apenas o fato de que todas elas são produto do trabalho humano.

No entanto, ao se abstrair do valor de uso é necessário também abstrair o caráter útil dos produtos do trabalho (marceneiro, pedreiro, fiandeiro, etc.) na determinação do valor de troca. Feito isso, os trabalhos deixam de ser diferentes e reduzem-se todos a trabalho humano, ou, mais precisamente, trabalho humano abstrato (dispêndio de força de trabalho humano).

Na produção de qualquer mercadoria, foi despendida força de trabalho humana, foi acumulado trabalho humano. Quando o dispêndio de força de trabalho humana se cristaliza (fixa-se) nas mercadorias, elas tornam-se valores (valores mercantis).

O valor é trabalho humano abstrato fixado, cristalizado, objetivado nas mercadorias. A medição do valor é feita por intermédio da quantidade de substância (trabalho humano abstrato), que o constitui. Ou seja, por intermédio do tempo de duração do trabalho, o qual, por sua vez, é feito através das seguintes unidades de medida: tempo, hora, dia, etc.

Importante: Para o cálculo do valor das mercadorias, o que conta não é a quantidade de trabalho despendida por um trabalhador individual (caso do trabalhador “preguiçoso”). A substância dos valores é o trabalho igual, ou seja, o que conta é a força de trabalho conjunta da sociedade (apesar dela ser composta por inúmeros trabalhadores individuais). As inúmeras forças de trabalho individuais tornam-se uma só. Por conseguinte, o que se conta é a força média do trabalho social. O tempo de trabalho que é contabilizado na produção dos diferentes valores *é o tempo de trabalho socialmente necessário requerido para produzir um valor de uso qualquer, nas condições dadas de produção socialmente normais, e com o grau social médio de habilidade e de intensidade do trabalho.* Por conseguinte, o que se contabiliza é o trabalho em sua dimensão social e não individual na determinação da grandeza do valor das mercadorias.

O valor de uma mercadoria não muda quando o tempo de trabalho socialmente necessário para a sua produção mantém-se constante. O tempo de trabalho socialmente necessário muda com cada mudança na força produtiva do trabalho.

Marx formula a seguinte lei relativa à relação entre o desenvolvimento da força produtiva do trabalho e o valor das mercadorias. Vejamos:

Genericamente, quanto maior a força produtiva do trabalho, tanto menor o tempo de trabalho exigido para a produção de um artigo, tanto menor a massa de trabalho nele cristalizada, tanto menor o seu valor. Inversamente, quanto menor a força produtiva do trabalho, tanto maior o tempo de trabalho necessário para a produção de um artigo, tanto maior o seu valor. A grandeza de uma mercadoria muda na razão direta do quantum, e na razão inversa da força produtiva do trabalho que nela se realiza¹.

Importante: as condições para que o produto se torna mercadoria

Uma coisa pode ser valor de uso, sem ser valor. Esse é o caso quando a utilidade dessa coisa para o homem não é mediada pelo trabalho humano (ar, solo virgem, matas não cultivadas, etc.). Para que o produto se transforme em mercadoria, é necessário que o produtor produza valor de uso para outros (valor de uso social). No entanto, não basta ser produzido para outros. É crucial que a sua transferência (do valor de uso) para outros seja mediada através da troca. Por último, qualquer produto que não se torne valor de uso para outros não pode ter valor (eis, o caso das mercadorias inúteis).

DUPLO CARÁTER DO TRABALHO REPRESENTADO NAS MERCADORIAS

O trabalho na qualidade de criador de valor de uso chama-se *trabalho útil*. Somente com a existência de trabalhos qualitativamente diferentes é que os produtos do trabalho podem defrontar-se entre si como mercadorias (por exemplo, casaco e linho). Na produção de mercadorias, desenvolve-se essa diferença entre os trabalhos qualitativamente diferentes por meio da divisão social do trabalho, ou seja, como negócio privado de produtores autônomos.

Para a determinação dos valores das mercadorias, o que conta é o dispêndio de força de trabalho humana e não o seu caráter útil. Toda mercadoria é redutível a trabalho humano simples. O trabalho complexo compreende apenas ao trabalho médio simples, ou seja, ele corresponde a um grande quantum de trabalho simples potenciado ou, acima de tudo, multiplicado desse último.

¹ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. v. 1. Coleção Os Economistas, p. 49. Do original: MARX, Karl. *Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie*. Hamburgo, 1890.

Vejam as implicações do duplo caráter do trabalho representado nas mercadorias: a força produtiva é sempre força produtiva do trabalho útil, concreto. Ela determina o grau de eficácia do tipo de atividade produtiva adequada a um fim. A espécie de trabalho útil torna-se, portanto, fonte mais rica ou mais pobre de valores de uso em proporção direta ao aumento da força produtiva do trabalho. Uma mudança na força produtiva não afeta em si e para si, o trabalho abstrato representado no valor. A força produtiva se relaciona com a forma útil do trabalho. Por isso, ela não pode afetar o trabalho enquanto substância do valor, ou seja, qualquer que seja a mudança na força produtiva ela não muda a grandeza do valor. O que muda é a quantidade de valores de uso produzidos.

Somente a variação da força produtiva que afeta a fecundidade do trabalho (expressa em maior quantidade de valores de uso) diminui dessa forma a grandeza de valor dessa maior quantidade de mercadorias produzidas, quando ela encurta o tempo de trabalho socialmente necessário para sua produção. Quando ela aumenta o tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção aumenta-se a grandeza de valor total produzida.

A FORMA DE VALOR OU O VALOR DE TROCA

As mercadorias têm duplo aspecto: (1) como objeto de uso e; (2) são portadoras de valor. Na objetividade de seu valor, não se encerra nenhum átomo de elemento natural. O valor não aparece imediatamente aos olhos, por mais que se revire uma mercadoria. A objetividade do valor das mercadorias é somente social, na medida em que se revela na relação social de troca entre diferentes mercadorias.

Marx quer seguir a pista das formas de manifestação do valor para chegar, posteriormente, a forma dinheiro, ou seja, desvendar o seu enigma.

A) Forma simples, singular ou acidental do valor

X mercadoria A = y mercadoria B (20 varas de linho = 1 casaco)

(1) Os dois polos da expressão de valor: forma relativa de valor e forma equivalente

O linho expressa seu valor no casaco, no qual este último serve de corpo material para expressão do valor do linho. Na equação acima ($20 \text{ varas de linho} = 1 \text{ casaco}$), o valor do linho é apresentado como valor relativo (forma relativa do valor) e o casaco funciona como equivalente (forma equivalente).

A forma relativa de qualquer mercadoria, como no caso do linho acima, supõe que qualquer outra mercadoria se oponha a ela como forma equivalente (como no caso do casaco, acima). É um absurdo supor, por exemplo, que o valor do linho se expresse através da expressão $20 \text{ varas de linho} = 20 \text{ varas de linho}$.

A posição que cada mercadoria aparece na equação da expressão de valor é que determina quem se encontra sob a forma relativa de valor ou sob a forma oposta, ou seja, a equivalente.

(2) A forma relativa do valor

i) Conteúdo da forma relativa do valor

A expressão do valor de uma mercadoria se esconde na relação de valor entre duas mercadorias, ou seja, para se chegar a ela tem que se abstrair o seu lado quantitativo (proporção de troca, na qual duas mercadorias se igualam). Para tanto, é necessário antes reduzi-las à mesma unidade. Em $20 \text{ varas de linho} = 1 \text{ casaco}$ apenas o valor do linho é expresso.

Somente a expressão da equivalência entre as distintas espécies de mercadorias revela o caráter específico do trabalho que cria valor ao reduzir os diferentes trabalhos úteis (marceneiro, alfaiataria, etc.) a sua substância comum: trabalho humano abstrato.

O linho na expressão de valor $20 \text{ varas de linho} = 1 \text{ casaco}$ expressa seu próprio valor por meio da forma corpórea do casaco. Por conseguinte, seu valor possui a forma de valor relativo.

i) Determinação quantitativa da forma de valor relativa

Na relação de valor do linho com o casaco, além de se equiparar qualitativamente o linho com o casaco como a forma corpórea do valor em geral, as duas mercadorias também são equiparadas quantitativamente, por exemplo: $20 \text{ varas de linho} = 1 \text{ casaco}$.

Qualquer alteração na força produtiva da tecelagem ou da alfaiataria pode implicar modificações na equação da forma relativa do valor (20 varas de linho = 1 casaco).

(3) A forma equivalente

A forma equivalente de uma mercadoria é conseqüentemente a forma de sua permutabilidade direta com outra mercadoria. Nessa forma, não existe nenhuma determinação quantitativa do valor.

A primeira peculiaridade da forma equivalente é que o valor de uso (no caso acima, o casaco) torna-se forma de manifestação de seu contrário: o valor (pág. 59).

Natureza do valor: o valor das mercadorias é algo puramente social, ou seja, não é uma característica intrínseca dos diferentes valores de uso. Ou seja, o valor é algo inteiramente distinto dos corpos e das propriedades das mercadorias. Na forma relativa do valor, o valor do linho é expresso em algo distinto de seu corpo (o casaco), isto é, essa expressão indica que nela se oculta uma relação social. Na forma equivalente, dá-se o contrário: o próprio corpo da mercadoria, o casaco, expressa valor possuindo forma de valor. Em suma, parece que o casaco possui por sua própria natureza a forma equivalente ou a propriedade de ter valor. Daí o caráter enigmático da forma equivalente, que adquire sua expressão mais acabada com a forma dinheiro.

A segunda peculiaridade da forma equivalente é que o trabalho concreto se converte na forma de manifestação do trabalho humano abstrato. No caso da equação 20 varas de linho = 1 casaco, é o trabalho da alfaiataria que expressa o valor do linho por meio da fabricação do casaco, que serve como a forma corpórea de expressão do valor do linho.

A terceira peculiaridade da forma equivalente é que a forma específica do trabalho (trabalho concreto, útil) funciona como expressão do trabalho em comum despendido na produção de todas as mercadorias (trabalho humano abstrato). Ou seja, o trabalho privado de cada produtor é trabalho que produz mercadorias, as quais serão trocadas pelo trabalho privado de outros fabricantes. Em suma, na forma equivalente *o trabalho privado* de cada produtor se converte em seu contrário, *trabalho em forma diretamente social*.

(4) O conjunto da forma simples de valor

A forma simples do valor é a forma de manifestação da antítese entre o valor de uso e o valor contido nas mercadorias. Essa antítese interna presente nas mercadorias é representada por meio de uma antítese externa (relação de troca entre duas mercadorias). Uma das mercadorias figura apenas como valor de uso (o linho na equação acima) e a outra apenas como valor (o casaco).

A insuficiência da forma simples do valor se revela no fato de que a mercadoria (linho) que figura como forma relativa do valor está numa relação de troca com uma única outra espécie de mercadoria (o casaco). Ou seja, ela não expressa sua igualdade qualitativa e sua proporcionalidade quantitativa com todas as outras mercadorias restantes.

(B) Forma de valor total ou desdobrada

Z mercadoria A = **u** mercadoria B ou = **v** mercadoria C ou = **w** mercadoria D ou **x** mercadoria E ou = etc.

(20 varas de linho = 1 casaco ou = 10 libras de chá ou = 40 libras de café ou = 1 quarter de trigo ou = 2 onças de ouro ou = ½ tonelada de ferro ou = etc.)

(1) A forma relativa de valor desdobrada

O valor do linho agora é expresso não apenas no casaco, mas em inúmeras outras mercadorias. Qualquer mercadoria que figura como equivalente serve agora como corpo material que reflete o valor do linho. O valor aparece agora, pela primeira vez, como gelatina de trabalho humano abstrato, pois ele é equiparado a qualquer outro trabalho humano (do casaco, trigo, farinha, ferro, etc.) e não apenas ao trabalho do produtor de casacos.

Na forma simples do valor **20 varas de linho = 1 casaco** pode ser casual que essas duas mercadorias sejam permutáveis entre si nessa proporção. Na forma de valor total ou desdobrada (20 varas de linho = **x** casacos ou **y** ferro ou **n** trigo, etc.) desaparece imediatamente o elemento casual na relação de troca entre as mercadorias. Por meio da forma total do valor, *fica evidente que não é a relação de troca entre as mercadorias que regula o valor das mercadorias, mas ao contrário, é o valor que regula as relações de troca.*

(2) A forma equivalente particular

As n mercadorias (casaco, trigo, feijão, etc.) figuram na forma de valor total ou desdobrada como equivalente, ou seja, como corpo material em que o valor do linho se expressa. Cada uma dessas mercadorias é uma forma equivalente particular do linho ao lado das inúmeras outras mercadorias na equação (20 varas de linho = x casacos ou y ferro ou n trigo, etc.).

(3) Insuficiências da forma de valor total ou desdobrada

Primeiro: A expressão relativa de valor é incompleta, porque sua série de representações não acaba nunca. A corrente em que uma equiparação de valor se liga à outra sempre se prolonga por meio de cada nova espécie de mercadoria criada.

Segundo: a forma relativa de valor total ou desdobrada fornece um mosaico colorido de expressões de valor, desconexas e diferenciadas. Se o valor relativo de cada mercadoria for expresso nessa forma desdobrada, então a forma relativa de valor de cada mercadoria (no caso acima, o linho) é uma série interminável de expressões de valor, que se diferencia da forma relativa de valor de qualquer outra mercadoria. *As insuficiências da forma relativa de valor refletem-se na sua correspondente forma equivalente*. Como aqui a forma natural (valor de uso) de cada mercadoria é uma forma equivalente particular ao lado de infinitas outras formas equivalentes particulares, existem, em geral, apenas formas equivalentes limitadas, onde uma exclui a outra (por exemplo, se a forma equivalente for o casaco, esse exclui todas as outras mercadorias que podem figurar como equivalente particular). Na forma de valor total ou desdobrada, cada espécie de trabalho aparece como forma de manifestação particular (não exaustiva) do trabalho humano. O trabalho humano abstrato só possui manifestação completa na série completa ou total daquelas formas particulares de manifestação (formas equivalentes particulares).

As equações: 20 varas de linho = 1 casaco; 20 varas de linho = 10 libras de chá, etc. podem conter as seguintes equações idênticas abaixo:

1 casaco = 20 varas de linho

10 libras de chá = 20 varas de linho, etc.

Daí obtém-se a forma geral do valor, em que os valores de todas as mercadorias são expressos numa única mercadoria.

(C) Forma Geral de Valor

1) Caráter modificado da forma valor

1 casaco =

10 libras de chá

40 libras de café =

1 quarter de trigo =

2 onças de ouro =

20 varas de linho

½ tonelada de ferro =

X mercadoria A =

etc. mercadoria =

As mercadorias representam seus valores na mesma mercadoria, ou seja, de modo simples e unitário. Sua forma valor é simples e comum a todas, isto é, a mesma mercadoria serve como espelho de seus valores.

A primeira forma (a forma relativa de valor simples) só se encontra em estágio primitivo (primeiros começos), quando os produtos do trabalho se transformavam em mercadorias de forma ocasional e casual.

A segunda forma (forma relativa do valor total ou desdobrada) distingue o valor de seu próprio valor de uso de maneira mais completa. No entanto, toda expressão comum de valor é excluída nessa forma, porque na expressão de valor de uma mercadoria aparecem todas as outras mercadorias apenas sob a forma de equivalentes. Tal forma se apresenta historicamente quando pela primeira vez um produto do trabalho humano, por exemplo, o gado, seja trocado por diversas outras mercadorias de forma habitual.

Na forma geral do valor, os valores de todas as outras mercadorias são expressos numa única e mesma espécie de mercadoria (na equação acima, o linho) e representa assim os valores de todas as mercadorias por meio de sua igualdade com o linho. Essa é a primeira forma a relacionar realmente as mercadorias entre si como valores.

Nas duas formas (forma relativa de valor simples e forma relativa de valor desdobrada) expressam-se o valor de cada mercadoria individualmente, ou seja, a mercadoria dar-se uma forma valor e o realiza sem que contribuam as outras

mercadorias. As mercadorias que figuram como equivalente desempenham papel passivo nessas duas formas.

A forma geral do valor, ao contrário, surge apenas como obra comum do mundo das mercadorias. Nela, uma mercadoria só adquire a expressão geral do valor porque todas as demais mercadorias expressam seu valor no mesmo equivalente e cada nova mercadoria que surge tem que fazer o mesmo. Evidencia-se, nessa forma a objetividade do valor das mercadorias, mera existência social delas, na qual sua objetividade somente pode ser expressa por meio de sua relação social por todos os lados e sua forma, por isso, tem de ser uma forma socialmente válida. A forma valor relativa geral do mundo das mercadorias imprime ao equivalente a forma de equivalente geral.

2) Relação de desenvolvimento da forma relativa e da forma equivalente

O desenvolvimento da forma equivalente do valor é apenas a expressão e o resultado do desenvolvimento da forma relativa do valor. No entanto, na mesma medida em que se desenvolve a forma valor em geral, desenvolve-se também a antítese entre os dois polos (a forma valor relativa e a forma equivalente).

Na primeira forma **20 varas de linho = 1 casaco** já contém a antítese, mas não a fixa. Na segunda forma (forma de valor total ou desdobrada), só uma das mercadorias pode desdobrar totalmente seu valor, ou ela mesma possuía a forma de valor desdobrada porque e na medida em que todas as outras mercadorias se encontram, perante ela, na forma de equivalente. Aqui não se podem inverter os dois polos da equação como na forma relativa simples.

A forma geral do valor dá ao mundo das mercadorias forma relativa social geral porque todas as mercadorias que lhe pertencem são excluídas da forma equivalente geral. No caso da equação acima, o linho se apresenta em forma diretamente social, porque todas as demais mercadorias não se encontram na forma de equivalente geral. E inversamente, a mercadoria que figura como equivalente geral é excluída da forma relativa de valor unitária e, portanto, geral do mundo das mercadorias.

O valor do equivalente geral (linho) se expressa através da série infinita de todos os outros corpos de mercadorias (casaco, trigo, ferro, etc.). Ou seja, a forma valor desdobrada ou total apresenta-se como a forma relativa específica da mercadoria equivalente geral.

3) Transição da forma valor geral para a forma dinheiro

Uma mercadoria figura apenas como equivalente geral, porque e na medida em que todas as outras mercadorias foram excluídas como equivalentes. Quando essa exclusão se limita definitivamente a um gênero particular de mercadorias, a forma valor relativa unitária do mundo das mercadorias adquire caráter objetivo e validade social geral.

Daí o gênero específico da mercadoria, que figura como equivalente geral, torna-se mercadoria dinheiro ou funciona como dinheiro. *A função especificamente social do dinheiro e, portanto, seu monopólio social, é o desempenhar o papel de equivalente geral do mundo das mercadorias. Historicamente, o ouro conquistou essa posição privilegiada.*

(D) Forma Dinheiro

20 varas de linho =

1 casaco =

10 libras de chá =

40 libras de café =

2 onças de ouro

1 quarter de trigo =

½ tonelada de ferro =

X mercadoria A =

Essa forma não difere em nada da forma geral do valor, a não ser o fato de o ouro figurar como o equivalente geral em vez do linho. O ouro só se confronta com outras mercadorias como dinheiro porque antes as confrontou como mercadoria. Quando o ouro torna-se a expressão de valor do mundo das mercadorias, torna-se mercadoria dinheiro. Só a partir do momento em que o ouro se transforma em dinheiro é que a forma dinheiro distingue-se da forma geral do valor, ou esta última se transforma em dinheiro. A expressão de valor simples de uma mercadoria qualquer, por exemplo, do casaco na mercadoria, que já desempenha o papel de dinheiro, é a forma preço. Veja-se: (20 varas de linho = 2 onças de ouro), ou se 2 libras esterlinas = 2 onças de ouro, temos o seguinte: 20 varas de linho = 2 libras esterlinas.

A forma dinheiro se resolve retroativamente na forma geral do valor, a qual se resolve na forma de valor total ou desdobrada, que tem seu elemento constitutivo na forma de valor relativa simples. A forma mercadoria simples é o germe da forma dinheiro.

O CARÁTER FETICHISTA DA MERCADORIA E SEU SEGREDO

O caráter místico das mercadorias não provém de seu valor de uso. Ele provém da forma mercadoria mesmo. A relação social desenvolvida entre os homens assumem a forma de uma relação social entre os próprios produtos de seu trabalho. Ou seja, a forma mercadoria reflete aos homens as características sociais de seu trabalho como características objetivas dos próprios produtos do trabalho, como propriedades naturais dessas coisas. As relações sociais de produção desenvolvidas entre os homens ficam obscurecidas pelo fato de que elas se apresentam a ele como relação desenvolvida entre as coisas (as próprias mercadorias). É como se fosse uma característica intrínseca a própria mercadoria, como se fosse algo natural a elas, ou seja, na forma mercadoria as relações sociais de produção desenvolvida entre os proprietários privados (homens ou agentes de produção) ficam totalmente apagadas.

Marx define da seguinte forma o fetichismo da mercadoria:

(...) Não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Por isso, para encontrar uma analogia, temos de nos deslocar à região nebulosa do mundo da religião. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas, que mantêm relações entre si e com os homens. Assim, no mundo das mercadorias, acontece com os produtos da mão humana. *Isso eu chamo o fetichismo que adere aos produtos de trabalho, tão logo são produzidos como mercadorias, e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias*².

Os trabalhos privados dos produtores diretos somente entram em contato social entre si mediante a troca das mercadorias. Eles só atuam como membros individuais do trabalho social total mediante a troca no mercado. Dessa forma, aos produtores as relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem não como relações sociais

² MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. v. 1. Coleção Os Economistas, p. 71. Do original: MARX, Karl. *Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie*. Hamburgo, 1890.

diretas entre pessoas em seus respectivos trabalhos, mas como reificação (o homem figurando como coisa ou objeto) entre as pessoas e relações sociais entre coisas.

Na relação de troca entre as mercadorias, há a cisão do produto do trabalho em coisa útil e coisa de valor. No ato de produção das mercadorias, com o desenvolvimento das trocas e dos mercados, o caráter de valor das coisas já é considerado. *Nesse momento, os trabalhos dos produtores privados adquirem duplo caráter social*: (1) eles têm que satisfazer determinada necessidade social para participarem do sistema naturalmente desenvolvido da divisão social do trabalho; e (2) só satisfazem às múltiplas necessidades de cada produtor, na medida em que cada trabalho privado útil particular é permutável por toda outra espécie de trabalho privado, portanto lhe equivale.

Essa igualdade dos trabalhos de cada produtor (apesar da diversidade de suas formas particulares úteis, concretas) e que medeia à troca das mercadorias consiste em sua redução a trabalho humano abstrato. Os agentes de produção refletem esse duplo caráter social de seus trabalhos privados nas formas em que aparecem na circulação das mercadorias (na troca dos produtos).

Os homens relacionam seus produtos do trabalho entre si como valores não porque considerem as mercadorias como meros envoltórios materiais de trabalho humano igual (abstrato). Pelo contrário, ao igualar os diferentes produtos do trabalho na troca, como valores, equiparam seus diferentes trabalhos como trabalho abstrato. Eles não o sabem, mas o fazem.

O PROCESSO DE TROCA

As mercadorias têm de realizar-se como valores antes de se realizarem como valores de uso. Por outro lado, elas têm de comprovar-se como valores de uso, antes de poderem realizar-se como valores.

Cada proprietário de mercadorias quer alienar a sua própria mercadoria por outra diferente que satisfaça a sua necessidade individual. Dessa forma, a troca é para ele um processo individual. Por sua vez, ele quer realizar a sua mercadoria enquanto valor, em qualquer outra de mesmo valor (independente de sua mercadoria ter ou não valor de uso para o comprador dela). Nesse caso, a troca é para ele um processo genericamente social.

O cristal monetário (dinheiro) é um produto do processo de troca, no qual os diferentes produtos são igualados entre si e, portanto, convertidos em mercadorias. A ampliação e o aprofundamento históricos da troca desenvolve a antítese latente entre (1) valor; e (2) valor de uso que provém da natureza da mercadoria. A necessidade de dar a essa antítese (valor e valor de uso) representação externa na esfera da circulação leva a uma forma independente do valor da mercadoria. Isso culmina na duplicação da mercadoria em mercadoria e dinheiro.

Karl Marx argumenta como o valor de uso se dissocia do valor de troca na medida em que se desenvolvem as relações de troca dando origem ao dinheiro na seguinte passagem:

Na troca direta de produtos, cada mercadoria é diretamente meio de troca para seu possuidor, equivalente para seu não possuidor, mas somente enquanto for valor de uso para ele. O artigo de troca não adquire ainda nenhuma forma valor independente de seu próprio valor de uso ou da necessidade individual dos permutantes. A necessidade dessa forma desenvolve-se com o crescente número e variedade das mercadorias que vão entrando no processo de troca. O problema surge simultaneamente com os meios para sua solução. Uma circulação em que possuidores de mercadorias trocam e comparam seus artigos com outros artigos diferentes jamais se realiza sem que diferentes mercadorias de diferentes possuidores de mercadorias em sua circulação sejam trocadas e comparadas com valores com uma terceira mercadoria, sempre a mesma. Tal terceira mercadoria, ao se tornar equivalente de outras mercadorias diferentes recebe diretamente, ainda que em limites estreitos, a forma de equivalente geral ou social. Essa forma de equivalente geral surge e desaparece com o contato social momentâneo que lhe deu vida. É atribuída alternativamente e transitoriamente a esta ou àquela mercadoria. Com o desenvolvimento da troca de mercadorias ela se fixa exclusivamente em espécies particulares de mercadorias ou se cristaliza na forma dinheiro³.

Com o desenvolvimento da produção de mercadorias, o valor se desenvolve para vir a ser materialização do trabalho humano em geral. Do mesmo modo, a forma dinheiro se consolida em mercadorias, que por natureza são adequadas para a função social de equivalente geral, qual seja: os metais preciosos (ouro e prata).

Ouro e prata não são por natureza dinheiro, embora dinheiro, por natureza, seja ouro e prata. Como forma de manifestação do valor das mercadorias ou espelho em que as mercadorias veem seus valores refletidos, a coisa que funciona como dinheiro, por um lado, tem que ter uma forma natural, em que seus diversos exemplares possuam a

³ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. v. 1. Coleção Os Economistas, p. 82. Do original: MARX, Karl. *Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie*. Hamburgo, 1890.

mesma qualidade uniforme. Por outro lado, em face da diversidade das grandezas de valor é necessário que a matéria que serve de corpo material ao dinheiro possa ser dividida à vontade e recomposta a partir de suas partes. Ouro e prata possuem essas duas propriedades por natureza.

O dinheiro tem duplo valor de uso: (1) o que decorre da natureza da mercadoria mesma, como o ouro que serve para a confecção de joias; e (2) o valor de uso formal que decorre de suas funções sociais específicas (servir como equivalente geral).

O desenvolvimento das trocas dá ao dinheiro apenas a sua forma valor específico, mas não determina o seu valor. O dinheiro é apenas uma mercadoria como outra qualquer que foi eleita dentre todas as mercadorias como o equivalente geral, ou seja, como o espelho dos n valores do mundo das mercadorias.

O dinheiro assim como as demais mercadorias tem seu valor determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção e se expressa naquela quantidade de outra mercadoria, que contém o mesmo tempo de trabalho. Quando o dinheiro entra em circulação seu valor já está dado.

As mercadorias parecem possuir sua respectiva forma equivalente por sua própria natureza. Isso é uma falsa aparência e se consolida com o surgimento da forma dinheiro. Ou seja, parece que o valor parece provir do próprio dinheiro, como sua propriedade inata. Daí vem a seguinte confusão: Uma mercadoria não se torna dinheiro porque todas as outras representam seus valores nela. Parece que as mercadorias expressam seus valores nela porque ela é dinheiro. O resultado (a forma dinheiro) leva a essa confusão.

A conduta de cada produtor de mercadorias que atua isoladamente (de forma atomística), ou seja, a forma reificada de suas próprias condições de produção, que independe de seu controle e de sua consciente ação individual, se manifestam no fato de que o produto de seu trabalho assume a forma de mercadoria. Daí que o enigma do fetiche do dinheiro é apenas o enigma do fetiche da mercadoria.

O DINHEIRO OU A CIRCULAÇÃO DAS MERCADORIAS

1. Medida dos valores

O ouro fornece o corpo material onde as mercadorias veem seus valores refletidos, em que os valores das mercadorias são representados como grandezas de

mesma denominação e quantitativamente diferentes. Nesse caso, ele funciona como a medida geral dos valores e é por meio dessa função específica que o ouro se torna inicialmente dinheiro.

Pelo fato de todas as mercadorias serem trabalho humano abstrato objetivado, elas podem medir seus valores em comum na mercadoria dinheiro. Ou seja, não é por causa do dinheiro que os valores das mercadorias são comparáveis, mas sim porque o dinheiro é a forma de manifestação da substância comum ou da medida dos valores das mercadorias, qual seja: trabalho abstrato.

O preço das mercadorias, sua forma valor em geral, é distinto de sua forma corpórea, existindo apenas de forma ideal ou imaginária. Em sua função de medida dos valores das mercadorias, o dinheiro serve, portanto como dinheiro apenas imaginário ou ideal.

Apesar de ser necessário apenas dinheiro imaginário para a função de medida de valor, o preço depende totalmente do material monetário real (ouro, prata, etc.). Ou seja, o valor de uma mercadoria qualquer (linho, tecidos, casaco, etc.), que é expresso numa quantidade imaginária de ouro contém a mesma quantidade de trabalho em ambos (mercadoria e dinheiro). No entanto, caso haja alteração do valor da mercadoria monetária (ouro, prata) a mesma quantidade de trabalho de qualquer mercadoria (linho, casaco, etc.) vai ser expressa em quantidades diferentes do material monetário ou receberá expressões diferentes de preço. Em suma, o preço varia de acordo com a variação do valor real da mercadoria monetária que desempenha o papel de equivalente geral (dinheiro).

Como os valores das mercadorias são transformados em quantidades imaginárias de ouro desenvolve-se a técnica de se relacioná-las a um quantum determinado de ouro como unidade de medida. Ou seja, o valor de cada mercadoria expresso em determinada quantidade de ouro (ouro como a unidade de medida do valor). Por meio de posterior divisão, essa mesma unidade (ouro) é transformada em partes alíquotas, que dá origem ao padrão de medida (padrão de medida dos preços ou padrão monetário). Como o preço é a expressão do valor da mercadoria monetária (o ouro, por exemplo) a posterior subdivisão da mercadoria monetária, em partes alíquotas, dá origem ao padrão monetário ou padrão de medida dos preços.

O dinheiro exerce duas funções distintas: (1) funciona como medida dos valores; e (2) como padrão dos preços. Na primeira, é a encarnação social do trabalho humano em geral. Na segunda, é padrão dos preços por ser um peso fixado de metal. Como

medida dos valores, o dinheiro transforma os valores das mercadorias em quantidades imaginárias de ouro (em preços). Como padrão dos preços, mede essas quantidades de ouro ou indiretamente a quantidade de valor objetivado, cristalizado, fixado em cada mercadoria monetária (ouro, prata, etc.).

Certos processos históricos convertem em costume popular a separação da denominação monetária (ouro, prata) dos pesos de sua denominação corrente de peso. Como padrão monetário é puramente convencional e como necessita de validade geral é regulado por intermédio de leis. Daí que o peso do ouro, por exemplo, é dividido oficialmente em partes alíquotas, que recebem nomes como libra, táler, etc. Posteriormente é subdividida novamente em outras partes, tais como: xelim, pênin, etc. Por conseguinte, os preços das mercadorias que antes eram expressos em quantidades imaginárias de ouro que serviam para expressar seus valores reais, agora é expresso nas denominações de conta do padrão ouro legalmente válido (libra, dólar, real, yuan, etc.). Por exemplo, em vez de dizer que 1 quarter de trigo é igual a 1 onça de ouro, digo que 1 quarter de trigo é igual 3 libras esterlinas, 17 xelins e 10/12 pence.

O preço é a denominação monetária do trabalho humano fixado nas mercadorias. Por exemplo, supondo-se que em 1 quarter de trigo e 2 libras esterlinas represente-se a mesma quantidade de trabalho abstrato, isso significa que as 2 libras esterlinas são a expressão da grandeza de valor de 1 quarter de trigo (seu preço). Com as modificações das condições do mercado e sem modificações das condições de produção (força produtiva do trabalho), ele pode ser cotado a 1 libra esterlina ou 3 libras esterlinas. Isto é, ele pode ter seu preço modificado para mais ou para menos (3 libras ou 1 libra) sem alterar o valor real da mercadoria. Por conseguinte, a grandeza de valor da mercadoria sempre guarda relação com o tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção. *Importantíssimo:* Com a passagem do valor para a forma preço, essa relação aparece como a relação de troca de uma mercadoria qualquer (linho, trigo, etc.) com a mercadoria monetária, que serve como dinheiro. Daí parece que a relação de troca da mercadoria com o dinheiro parece ser o expoente da sua grandeza de valor. Pelo contrário, é o preço da mercadoria que é o expoente da grandeza de seu real valor. Em suma, através da forma preço é possível uma incongruência quantitativa entre o preço e a grandeza real de valor da mercadoria. Por outro lado, além da incongruência quantitativa ele pode encerrar uma incongruência qualitativa, de modo que o preço pode deixar de ser ao todo expressão do valor. Daí que coisas como consciência, honra, matas

não cultivadas, etc. podem ter preço, sem ser valor (produzidos por intermédio do trabalho humano).

2. Meio de circulação

A metamorfose das mercadorias

O processo de intercâmbio produz uma duplicação da mercadoria em mercadoria e dinheiro (antítese externa), dentro da qual elas representam sua antítese imanente entre valor e valor de uso. Nela, as mercadorias confrontam-se como valores de uso com o dinheiro, como valor de troca. Por outro lado, ambos os lados da antítese são mercadorias, ou seja, unidades de valor e valor de uso.

O processo de intercâmbio da mercadoria se baseia na seguinte fórmula (*mercadoria A – dinheiro – mercadoria B*): $M - D - M$. Seu conteúdo material é a troca de mercadoria por mercadoria (metabolismo do trabalho social). Para o produtor de mercadoria, sua mercadoria serve apenas como valor de troca. No entanto, para obter o equivalente geral (o dinheiro), ela tem que ser valor de uso para o possuidor do dinheiro, portanto, o trabalho despendido na produção dela deve ter sido trabalho despendido em forma socialmente útil. Ou seja, tem que se confirmar como elo da divisão social do trabalho por meio da troca (o seu produto deve satisfazer a uma necessidade social).

A primeira metamorfose de uma mercadoria, por exemplo, venda de linho em troca de dinheiro ($M - D$) é simultaneamente a última fase de outro movimento, por exemplo, (trigo – dinheiro – linho).

O ciclo de cada mercadoria em particular entrelaça-se com o ciclo de todas as outras mercadorias. Em seu conjunto, esse processo caracteriza-se como circulação de mercadorias.

O dinheiro na função de mediador da circulação das mercadorias assume a forma de meio de circulante.

O curso do dinheiro

A fórmula M – D – M tem a mercadoria como ponto de partida e ponto de chegada do processo. O movimento das mercadorias é um ciclo. Essa forma exclui o dinheiro.

A forma de movimento que cabe ao dinheiro no processo de circulação das mercadorias é, por conseguinte, seu constante afastamento do ponto de partida, seu percurso das mãos de um possuidor de mercadoria para as de outro ou seu curso. Ele retorna apenas as mãos do possuidor quando este renova seu processo de produção, ou seja, lança novas mercadorias no mercado, que serão trocadas por dinheiro.

O volume do meio circulante é determinado pela soma dos preços das mercadorias, a ser realizada. Por sua vez, a soma dos preços das mercadorias depende da quantidade de mercadorias em circulação. Dado o volume das mercadorias em circulação, a massa do dinheiro oscila para cima ou para baixo de acordo com as flutuações dos preços das mercadorias.

Por outro lado, a mesma peça monetária (moeda) pode mediar as metamorfoses de mercadorias distintas, que formam elos sucessivos de uma mesma cadeia de metamorfoses. Por exemplo: 1 quarter de trigo – 2 libras esterlinas – 20 varas de linho - 2 libras esterlinas – 1 Bíblia – 2 libras esterlinas – 2 libras esterlinas – 4 galões de aguardente – 2 libras esterlinas. Nesse caso, apenas 2 libras esterlinas são suficientes para circular 4 mercadorias diferentes num montante total de 8 libras esterlinas. Ou seja, a mesma moeda realiza 4 cursos.

Daí Karl Marx formula seguinte lei geral relativa à quantidade do meio circulante: A soma dos preços das mercadorias dividida pelo número de cursos das peças monetárias de mesma denominação é igual ao volume do dinheiro que funciona como meio circulante. Eis a equação, a seguir:

$$\frac{\textit{Soma dos preços das mercadorias}}{\textit{Número de cursos das peças monetárias}} = \textit{Volume do dinheiro (meio circulante)}$$

Essa lei também pode ser formulada de outra forma, qual seja: dada a soma de valores das mercadorias e a velocidade média de suas transações, a quantidade de dinheiro em circulação depende de seu próprio valor.

A moeda. O signo de valor.

Da função do dinheiro como meio circulante surge sua figura de moeda. A fração de peso de ouro (representada idealmente pelo preço) tem de defrontar-se com as mercadorias na circulação sob a forma de peça de ouro ou moeda. A cunhagem das moedas fica por conta dos Estados. Da variedade de moedas nacionais, aparece o divórcio entre as esferas nacionais de circulação das mercadorias e a esfera geral (o mercado mundial).

O título de ouro e a sua substância (seu conteúdo nominal e real) começam a dissociar-se com o tempo. Como o próprio curso do dinheiro dissocia o conteúdo real do conteúdo nominal, ele já contém em si a possibilidade de substituir o dinheiro metálico em sua função de moeda por meros símbolos de valor.

Quando os símbolos de valor são lançados na circulação refletem-se em seu movimento apenas as leis do próprio curso do dinheiro. A lei do papel-moeda é a seguinte: a emissão de papel-moeda deve limitar-se à quantidade de ouro (do qual o papel-moeda serve como substituto), que realmente deveria circular.

Definição de papel-moeda: A moeda papel é o signo de ouro ou signo do dinheiro. Sua relação com os valores das mercadorias são expressos idealmente nas mesmas quantidades de ouro, as quais são representadas simbolicamente pelo papel-moeda. *Somente no caso, em que representa quantidades de ouro, é que a moeda papel representa signos de valor.*

O signo do dinheiro necessita apenas de validade social objetiva, a qual é recebida pelo curso forçado autorizado pelo Estado. O curso forçado do Estado rege-se somente dentro das fronteiras de uma comunidade (ou na esfera interna de circulação). Nela, o dinheiro recebe uma forma de existência separada de sua substância metálica (metais preciosos).

3. Dinheiro

a) Entesouramento

Com o desenvolvimento inicial do processo de circulação de mercadorias desenvolve-se a necessidade e a paixão de guardar o dinheiro, produto da primeira metamorfose. Nesse caso, a venda de mercadorias tem como objetivo a sua troca por dinheiro e daí essa mudança de forma torna-se um fim em si mesmo. Ou seja,

desenvolve-se o desejo de amalhar o dinheiro. Por conseguinte, o dinheiro fica imobilizado e o vendedor de mercadorias torna-se entesourador.

De onde vem todo o ouro necessário para o entesouramento? Nas fontes de produção do ouro, os metais preciosos são trocados diretamente por outras mercadorias (linho, casaco, trigo, arroz, etc.). Realizam-se vendas por parte dos possuidores de mercadorias sem compras correspondentes por parte dos produtores de metais preciosos (ouro, por exemplo). Essa venda de metais preciosos não seguida de compras medeia a distribuição ulterior da mercadoria monetária entre todos os possuidores de mercadorias. Isso decorre do fato de que para comprar sem vender, tem de haver vendido antes, sem haver comprado.

No dinheiro não se pode notar o que se transformou nele e daí converte-se tudo (mercadoria ou não) em dinheiro. Tudo se torna vendável e comprável. A circulação torna-se o lugar onde se lança tudo para que volte como cristal monetário.

Significado do conceito de valor da mercadoria: O valor da mercadoria mede o grau de sua atração sobre todos os elementos da riqueza material, ou seja, mede a riqueza social de seu possuidor. Daí que o impulso por entesourar é naturalmente sem limites.

O dinheiro é qualitativamente ilimitado, pois é o representante geral da riqueza material e, por outro lado, quantitativamente limitado, pois toda soma de dinheiro tem poder de compra limitado. A contradição entre o caráter qualitativamente ilimitado do dinheiro e seu caráter quantitativo impulsiona o entesourador a capitalizar o seu dinheiro entesourado, ou seja, em acumulá-lo. A filosofia do entesourador é vender o máximo possível e comprar o mínimo. Laboriosidade, poupança e avareza são suas virtudes cardeais.

O entesouramento também funções na circulação metálica. Para que a massa do dinheiro circulante corresponda sempre ao grau de saturação da esfera da circulação é necessário que a quantidade de ouro e prata exceda a quantidade absorvida de ouro e prata em sua função como moeda. Isso só pode ser feito por meio da formação do tesouro (entesouramento). As reservas de ouro também servem como canal de derivação do meio circulante.

b) Meio de pagamento

O desenvolvimento da circulação de mercadorias desenvolve as condições em que a alienação da mercadoria (entrega definitiva da mercadoria ou transferência de sua propriedade a terceiros por meio da troca) separa-se da realização de seu preço [compra antes do pagamento]. Nesse caso, o vendedor torna-se credor e o comprador torna-se devedor. Nessas circunstâncias, o dinheiro torna-se meio de pagamento.

Dada à velocidade de circulação do meio circulante e dos meios de pagamentos, a soma total do dinheiro em circulação é igual a soma dos preços dos bens a serem pagos no futuro, mais a soma dos pagamentos vencidos menos os pagamentos que se compensam e, finalmente, menos o número de giros da mesma moeda (que funciona alternadamente como meio de circulação e meio de pagamento).

O dinheiro de crédito se origina da função do dinheiro como meio de pagamento.

c) Dinheiro mundial

Fora da esfera nacional ou interna de circulação, o dinheiro reassume a forma original de barras dos metais preciosos. No comércio internacional as mercadorias desdobram seu valor de forma universal. Nesse caso, a figura autônoma do valor de troca (o dinheiro) representa perante todas as mercadorias, o dinheiro mundial. Somente no mercado mundial é que o dinheiro funciona plenamente como mercadoria (sua forma natural é, ao mesmo tempo, forma diretamente social de realização do trabalho abstrato).

O dinheiro mundial serve como meio global de pagamento, meio global de compra e materialização (corporificação) absoluta da riqueza em geral. Sua função como meio de pagamento dos saldos internacionais (balança comercial) é a predominante.

O dinheiro mundial (ouro e a prata) também pode funcionar como meio internacional de compra, acima de tudo, quando se rompe o equilíbrio do metabolismo social entre nações diferentes. Por último, funciona como materialização absoluta da riqueza, quando são transferidos de uma nação a outra (transferência de riqueza de um país a outro), em que as transferências sob a forma de mercadorias não são permitidas.

Todo país necessita de um fundo de reserva em metais preciosos para a circulação no mercado mundial. Daí que as funções do tesouro surgem em parte do dinheiro como meio interno de pagamento ou de circulação, bem como de sua função

como dinheiro mundial. O fluxo contínuo das quantidades de ouro e de prata entre as diferentes economias nacionais acompanha as incessantes oscilações do câmbio. Os países capitalistas desenvolvidos limitam os tesouros concentrados nas reservas dos bancos ao mínimo requerido para suas funções específicas.

A TRANSFORMAÇÃO DO DINHEIRO EM CAPITAL

A produção de mercadorias e a circulação de mercadorias são os pressupostos históricos, sob os quais o capital surge. O comércio mundial e o mercado mundial inauguraram no século XVI a moderna história da vida do capital.

A primeira forma de aparição do capital é o dinheiro. O capital sempre aparece inicialmente no mercado como dinheiro, o qual se transforma em capital por meio de determinados processos. Dinheiro como dinheiro e dinheiro como capital diferencia-se, em primeiro lugar, por suas formas diferentes de circulação.

A forma de circulação $M - D - M$ (circulação simples de mercadorias) é diferente da forma $D - M - D$. No segundo caso, o dinheiro que descreve esse movimento ($D - M - D$) transforma-se em capital e de acordo com a sua função (determinação), já é capital.

Na circulação $D - M - D$, a primeira fase ($D - M$) corresponde a compra e a segunda fase ($M - D$) corresponde a venda. O resultado global de todo o processo é $D - D$ (troca de dinheiro por dinheiro). Por exemplo, se compro com 100 libras esterlinas 2000 libras de algodão e as revendo por 110 libras esterlinas, então troco 100 por 110. Seria totalmente sem sentido, se a troca fosse de 100 libras esterlinas por outras 100 libras esterlinas. Daí que faria mais sentido e seria mais seguro entesourar as 100 libras esterlinas, ou seja, não se expor aos perigos da circulação.

O movimento da circulação $D - M - D$ é totalmente distinto da circulação simples de mercadorias ($M - D - M$).

Características comuns das fórmulas ($M - D - M$) e ($D - M - D$): (1) as duas se decompõem nas fases contrapostas (venda e compra); (2) nelas, se confrontam os mesmos elementos materiais (mercadoria e dinheiro); (3) as mesmas pessoas (comprador e vendedor); (4) cada um deles é a unidade das duas fases contrapostas (venda e compra) e essa unidade é mediada por três contratantes.

Diferenças entre as fórmulas ($M - D - M$) e ($D - M - D$): Na circulação simples de mercadorias, a mercadoria constitui o ponto de partida e o ponto de chegada,

enquanto que na forma (D – M – D) é o dinheiro que constitui o ponto de partida e chegada. Na circulação simples (M – D – M) é o dinheiro que medeia o transcurso global, enquanto que na forma (D – M – D) é a mercadoria que medeia o transcurso global.

Na circulação M – D – M o gasto do dinheiro nada tem a ver com seu refluxo (retorno), enquanto que na circulação D – M – D, a volta do dinheiro é determinada pelo modo de seu gasto.

Importante: Na circulação simples de mercadorias, o motivo determinante é o consumo. No entanto, na circulação D – M – D, o motivo indutor é o próprio dinheiro ou o valor de troca. Nas palavras de Marx:

O ciclo M – D – M parte do extremo de uma mercadoria e se encerra com o extremo de outra mercadoria, que sai da circulação e entra no consumo. Consumo, satisfação de necessidades, em uma palavra, valor de uso, é, por conseguinte, seu objetivo final. O ciclo D – M – D, pelo contrário, parte do extremo do dinheiro e volta finalmente ao mesmo extremo. Seu motivo indutor e sua finalidade determinante é, portanto, o próprio valor de troca⁴.

Como no dinheiro toda diferença qualitativa (valores de uso diferentes) entre as mercadorias é apagada, a operação descrita pela fórmula (D – M – D) parece sem sentido e monótona. Dinheiro no início e no final dos dois extremos só pode diferenciar-se quantitativamente. Ou seja, a circulação D – M – D' deve seu conteúdo a diferença quantitativa entre os dois extremos e não a uma diferença qualitativa, tal como na circulação simples de mercadoria (M1 – D – M2). Em suma, ao final do processo mais dinheiro é tirado da circulação em comparação ao que foi adiantado no início. Por exemplo, a compra de 2000 libras de algodão por 100 libras esterlinas e sua venda posterior por 110 libras esterlinas (100 libras esterlinas – 2000 libras de algodão – 110 libras esterlinas).

*Definição de mais-valia na concepção de Karl Marx: Por conseguinte, a forma completa do processo é D – M – D', em que $D' = D + \Delta D$, isto é, $100 + 10 = 110$ no caso acima. Essa diferença ou incremento sobre o valor-capital (dinheiro) originalmente adiantado é o que Marx chama de mais-valia (*surplus value*). Esse valor adiantado

⁴ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. v. 1. Coleção Os Economistas, p. 127. Do original: MARX, Karl. *Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie*. Hamburgo, 1890.

sempre se mantém na circulação, altera sua grandeza de valor (acrescenta mais-valia ou se valoriza).

Na circulação (D – M – D') compra para venda, o começo e o término são o mesmo (dinheiro e valor de troca). Por isso, o movimento é sem fim. A diferença qualitativa é apagada, pois o dinheiro é sempre o mesmo em qualquer ponto da circulação. Ele só se diferencia quantitativamente.

Na circulação simples de mercadorias (venda para a compra) serve de meio para a apropriação de valores de uso diferentes, a satisfação das necessidades humanas. Por sua vez, a circulação do dinheiro como capital é uma finalidade em si mesma, pois a valorização do valor só existe dentro desse movimento, o qual é constantemente renovado. Por conseguinte, o movimento do capital é insaciável e sem fim.

Definição de capitalista e do motivo indutor de suas ações segundo Marx:

(...) O portador consciente desse movimento, (de autovalorização do valor), o possuidor do dinheiro torna-se capitalista. Sua pessoa, ou melhor, seu bolso, é o ponto de partida e o ponto de retorno do dinheiro. *O conteúdo objetivo daquela circulação - a valorização do valor - é sua meta subjetiva, e só enquanto a apropriação crescente da riqueza abstrata é o único motivo indutor de suas operações, ele funciona como capitalista ou capital personificado, dotado de vontade e consciência. O valor de uso nunca deve ser tratado, portanto, como meta imediata do capitalismo. Tampouco o lucro isolado, mas apenas o incessante movimento do ganho.* Esse impulso absoluto de enriquecimento, essa caça apaixonada de valor, é comum ao capitalista e ao entesourador, mas enquanto o entesourador é apenas o capitalista demente, o capitalista é o entesourador racional. A multiplicação incessante do valor, pretendida pelo entesourador ao procurar salvar o dinheiro da circulação, é alcançada pelo capitalista mais esperto ao entrega-lo sempre de novo à circulação⁵.

O capital em seu movimento de autovalorização assume alternativamente as formas de dinheiro e de mercadoria. O valor se torna aqui o sujeito de um processo, que por meio de sucessivas metamorfoses modifica a sua própria grandeza. Ou seja, na sucessão de metamorfoses o valor recebe sua forma de existência geral e autônoma (o dinheiro) e sua forma particular (a mercadoria).

No entanto, para assumir a forma de capital o dinheiro precisa sempre se tornar mercadoria. Caso contrário não será possível. Essa circunstância difere o capitalista do entesourador, pois no entesouramento o dinheiro sempre se defronta contra a

⁵ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. v. 1. Coleção Os Economistas, p. 130. Do original: MARX, Karl. *Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie*. Hamburgo, 1890.

mercadoria, pois precisa ser sempre retirado da circulação. No caso do movimento de valorização do capital, o dinheiro sempre tem que assumir a forma mercadoria para funcionar como capital.

BIBLIOGRAFIA

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. v. 1. Coleção Os Economistas. Do original: MARX, Karl. *Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie*. Hamburgo, 1890.